



POR MAURO BERNI

Pesquisador das áreas de meio ambiente e energia do Núcleo Interdisciplinar de Planejamento Energético (NIPE), da Universidade de Campinas (Unicamp-SP)
E-mail: mberni@unicamp.br

ENERGIAS RENOVÁVEIS NA AMÉRICA DO SUL

O Brasil apresenta o terceiro maior percentual de fontes renováveis na matriz energética entre os 12 países da América do Sul, com 41%. Os dados constam do Boletim Energia na América do Sul (BEAS, 2016) (disponível em <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2016/09/brasil-tem-terceiro-maior-percentual-de-fontes-renovaveis-da-america-do-sul>), divulgado anualmente pela Secretária de Planejamento e Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia (MME). O primeiro lugar é ocupado pelo Paraguai (67%), seguido pelo Uruguai (54%).

O Brasil também se destaca por ser responsável por 50,2% da geração elétrica. Na sequência, vêm a Argentina, com 12,5%, e a Venezuela, com 11%. Sete países da América do Sul apresentam mais de 50% de participação da geração hidráulica na matriz elétrica: Paraguai, Uruguai, Venezuela, Colômbia, Brasil, Suriname e Equador. A geração de energia elétrica da América do Sul, no ano de 2015, atingiu 1.157 TWh, o que representa 4,8% na oferta mundial de eletricidade. No ano, a geração hidráulica respondeu por 58% do total da região, enquanto o gás natural teve a participação de 20%. Os derivados de petróleo foram responsáveis por 7%.

As fontes renováveis na matriz de eletricidade da América do Sul atingiram o montante de 761 TWh, em 2015, correspondendo a 13,2% da geração renovável no mundo. Essas fontes, com participação significativa de 65,8% na América do Sul, superam em muito os 23,8% de renováveis da matriz mundial de eletricidade.

Com relação às emissões de gases do efeito estufa, a América do Sul computou 1,87 tCO₂/tep de energia e o Brasil 1,55 tCO₂/tep, menores que o indicador mundial, de 2,33 tCO₂/tep, 25% superior ao da América do Sul e 50% superior ao do Brasil (BEAS, 2016). E justo no momento em que o tema das mudanças climáticas ganha espaço, passando de um foco ambiental para o foco econômico devido às implicações das decisões observadas no Acordo de Paris, que levarão a mudanças marcantes na orientação e na formulação de políticas nacionais e internacionais.

Diante desse quadro, vem-se desenvolvendo uma série de atividades no setor de energia, capitaneadas pela Organização Latino-Americana de Energia (OLADE), onde os países da América do Sul se disponham a desenvolver ações de mitigação para atingir as metas levantadas em suas Contribuições Nacionais Determinadas (NDC). O grande objeti-

vo da OLADE é fortalecer o conhecimento teórico e prático sobre as questões das alterações climáticas ligadas ao setor da energia para o desenvolvimento da capacidade de implementação de projetos energéticos na região, alinhados com os compromissos políticos adquiridos em recentes negociações sobre o clima, a fim de alavancar o desenvolvimento de energia sustentável na América do Sul.

Complementarmente, têm acontecido eventos no setor energia e meio ambiente, cabendo destacar o da Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), a Universidad de la República (UDELAR) e da FAPESP, em novembro de 2017, que teve como objetivo fortalecer as colaborações atuais e estabelecer novas parcerias entre o setor privado e os pesquisadores da América do Sul na área de energias renováveis. Nesse evento, Carina Guzowski da Universidad Nacional del Sur, da Argentina, em palestra na FAPESP Week Montevideo, afirmou que as energias renováveis, como a solar, a eólica, a hidroelétrica e a proveniente de biomassa, representam uma oportunidade de integração energética dos países da América do Sul, em razão da complementaridade de suas matrizes energéticas.

As energias renováveis representam uma oportunidade para a integração energética dos países da América do Sul, aproveitando-se das complementaridades dos sistemas energéticos com fontes intermitentes. Para tanto, faz-se necessário que sejam superadas barreiras para a produção de energia proveniente de recursos naturais em países como a Argentina, eliminando gargalos tecnológicos que impossibilitam um desempenho comparável ao do Brasil e do Uruguai, por exemplo, em matéria de produção de energia renovável. A matriz energética Argentina é eminentemente fóssil e composta por gás natural com 52% de participação, petróleo com 33% e energias renováveis com 10%, restando carvão e energia nuclear com participação de 5% (<https://www.ambienteenergia.com.br>).

Entre as principais vantagens da integração energética de países da América do Sul por meio das energias renováveis está a geração de economia de escala para atrair investimentos. A minimização do problema de intermitência no fornecimento de energia, que assegure o abastecimento energético e diversifique o mix de geração de energia, hoje fortemente baseado em hidroelétricas e que são vulneráveis a fenômenos climáticos, por meio de fontes renováveis, será uma alternativa a considerar. ■